

Perfil epidemiológico de automedicação entre acadêmicos de medicina de uma universidade pública brasileira**Epidemiological profile of self-medication among medical academics of a brazilian public university**

DOI:10.34119/bjhrv3n4-111

Recebimento dos originais: 20/06/2020

Aceitação para publicação: 20/07/2020

Helena Cardoso Bernardes

Graduanda em Medicina pela Universidade Federal de Jataí

Instituição: Universidade Federal de Jataí – UFJ

Endereço: Universidade Federal de Jataí - Campus Jatobá (Cidade Universitária) | Rod BR 364 km

195 - Setor Parque Industrial n° 3800, Jataí - GO, Brasi

E-mail: helenabernardes99@gmail.com

Flávia Ferreira Costa

Graduanda em Medicina pela Universidade Federal de Jataí

Instituição: Universidade Federal de Jataí – UFJ

Endereço: Universidade Federal de Jataí - Campus Jatobá (Cidade Universitária) | Rod BR 364 km

195 - Setor Parque Industrial n° 3800, Jataí - GO, Brasil

E-mail: flaviafcost@gmail.com

Jade Carvalho Souza Wanderley

Graduanda em Medicina pela Universidade Federal de Jataí

Instituição: Universidade Federal de Jataí – UFJ

Endereço: Universidade Federal de Jataí - Campus Jatobá (Cidade Universitária) | Rod BR 364 km

195 - Setor Parque Industrial n° 3800, Jataí - GO, Brasil

E-mail: jadewanderley22@gmail.com

Júlia Pires de Farias

Graduanda em Medicina pela Universidade Federal de Jataí

Instituição: Universidade Federal de Jataí – UFJ

Endereço: Universidade Federal de Jataí - Campus Jatobá (Cidade Universitária) | Rod BR 364 km

195 - Setor Parque Industrial n° 3800, Jataí - GO, Brasil

E-mail: juliapiresfarias@gmail.com

Lucas Sousa Liberato

Graduando em Medicina pela Universidade Federal de Jataí

Instituição: Universidade Federal de Jataí – UFJ

Endereço: Universidade Federal de Jataí - Campus Jatobá (Cidade Universitária) | Rod BR 364 km

195 - Setor Parque Industrial n° 3800, Jataí - GO, Brasil

E-mail: lukas.liberato1@gmail.com

Edlaine Faria de Moura Villela

D.Sc., docente da Escola de Medicina da Universidade Federal de Jataí, atuando no ensino de Epidemiologia, Saúde Coletiva, Comunicação em Saúde, Metodologia de Pesquisa e Bioestatística

Instituição: Universidade Federal de Jataí – UFJ

Endereço: Universidade Federal de Jataí - Campus Jatobá (Cidade Universitária) | Rod BR 364 km 195 - Setor Parque Industrial n° 3800, Jataí - GO, Brasil

E-mail: edlainevm@gmail.com

RESUMO

Introdução: Automedicação é entendida como sendo a prática de ingerir substâncias de ação medicamentosa sem a indicação e/ou acompanhamento de um profissional de saúde qualificado. **Objetivo:** Estabelecer a porcentagem de acadêmicos de medicina da Universidade Federal de Jataí que já realizaram a compra de medicamentos sem orientação qualificada. **Metodologia:** Trata-se de um estudo descritivo e transversal realizado por meio de um questionário respondido pelos discentes do curso de medicina no mês de novembro de 2019. **Resultado:** Na análise estatística dos resultados observou-se que em todos os ciclos do curso, básico, clínico e internato, mais de 90% dos discentes já compraram medicamentos sem orientação qualificada. **Conclusão:** Existe uma alta prevalência de estudantes de medicina da Universidade Federal de Jataí que utilizam medicamentos sem prescrição médica. O uso de conhecimento acadêmico para se automedicar e o sentimento de aptidão para se automedicar aumentaram ao decorrer dos ciclos do curso. O ciclo básico obteve a maior porcentagem de discentes que acreditam na existência de malefícios na automedicação. Os fármacos mais automedicados foram anti-inflamatórios não esteroidais e antibióticos, ambos podem causar graves consequências se utilizados de maneira incorreta e sem a supervisão de um especialista.

Palavras-chave: Automedicação, perfil de saúde, centros médicos acadêmicos.

ABSTRACT

Introduction: Self-medication is understood as the practice of ingesting substances with medicinal action without the indication and / or monitoring of a qualified health professional. **Objective:** To establish the percentage of medical students at the Federal University of Jataí who have already purchased drugs without qualified guidance. **Methodology:** This is a descriptive and cross-sectional study conducted through a questionnaire answered by medical students in the month of November 2019. **Result:** In the statistical analysis it was observed that in all cycles of the course, basic, clinical and medical internship, more than 90% of students have already bought medicine without qualified guidance. **Conclusion:** There is a high prevalence of medical students at the Federal University of Jataí who use medication without medical prescription. The use of academic knowledge to self-medicate and the feeling of being able to self-medicate as a medical student increased during the course cycles. The basic cycle obtained the highest percentage of students who believe in the existence of harm in self-medication. The most self-medicated drugs were non-steroidal anti-inflammatory and antibiotics, both of which can cause serious consequences if used incorrectly and without supervision of a specialist.

Key-words: Self-medication, health profile, academic medical centers.

1 INTRODUÇÃO

Automedicação é a prática de ingerir medicamentos sem a indicação e/ou acompanhamento de um profissional de saúde qualificado, visando solucionar uma manifestação patológica ou dolorosa⁽¹⁾. A Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) determina duas classificações para o uso indevido de medicamentos: o seu uso indiscriminado, quando o paciente o utiliza de maneira exagerada e constante, com ou sem receita médica, e a automedicação quando existe consumo de medicamentos sem a avaliação de um profissional⁽²⁾.

O Brasil está entre os dez países com maior consumo de medicamentos⁽³⁾. Entre as diversas causas que levam o país a alcançar essa colocação está a comercialização de medicamentos como outra mercadoria qualquer. Segundo a ANVISA: “Os medicamentos não são bens de consumo comuns, e sim, bens de saúde, por isso sua propaganda está sujeita a regras específicas”. Assim, todo medicamento deve ser registrado na ANVISA para poder ser comercializado e divulgado. As propagandas devem ser transparentes, equilibradas e apresentar informações completas, evitando a parcialidade ao ressaltar apenas os aspectos benéficos do medicamento, quando se sabe que todos apresentam riscos inerentes ao seu uso. Além disso, só é permitida para o público geral a propaganda de medicamentos isentos de prescrição médica, aqueles com tarja preta ou vermelha só podem ser anunciados aos profissionais de saúde.⁽⁴⁾

O desrespeito às regras de comercialização da ANVISA estimula o uso irresponsável de medicamentos, em que os consumidores não sabem a ação farmacológica do princípio ativo, as incompatibilidades que podem existir entre o mesmo e seu organismo e a importância de seguir a posologia e os horários corretos.⁽³⁾ Esse uso sem a devida orientação médica pode causar erros de diagnóstico de doenças, reações alérgicas e efeitos adversos graves, gerando custos maiores tanto para o paciente como para a rede de saúde, uma vez que pode agravar o quadro inicial⁽⁵⁾ e causar resistência microbiana⁽⁶⁾. Segundo o Conselho Federal de Farmácia os medicamentos são a principal causa de intoxicação no Brasil. Entre 2012 e 2017 foram registrados 241.967 casos, ou seja 40% do total de 590.594⁽⁷⁾.

A compra de medicamentos isentos de prescrição deve ser conduzida por um profissional farmacêutico⁽⁸⁾, devendo ser entendida como um dos elementos do autocuidado⁽⁹⁾. Esta forma de automedicação responsável alivia o sistema público de saúde e proporciona economia ao indivíduo.

A vida acadêmica é uma fase que possibilita inúmeras conquistas, profissionais, amizades e o desejo de destaque no mercado de trabalho. Em contrapartida, corresponde a uma fase de profundas mudanças e adaptações a um novo estilo de vida, os quais tendem a gerar estresse e frustrações⁽¹⁰⁾, tornando esse período vulnerável à automedicação⁽¹¹⁾.

Diversos fatores motivam os universitários a se automedicarem: elevada carga horária, maior acesso à informação, convívio com outros acadêmicos, influência familiar, fatores psicossociais ou a mudança e adaptações a um novo estilo de vida⁽¹⁰⁾. A realização de pesquisas com acadêmicos, como a realizada por um grupo de estudantes da Universidade Federal Fluminense e Universidade Federal do Rio de Janeiro, com alunos do curso de farmácia⁽¹²⁾ e a realizada por alunos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com alunos do curso da medicina⁽¹³⁾ demonstram a importância desse assunto.

O presente projeto teve como objetivo determinar o perfil epidemiológico do uso de medicamentos sem prescrição de profissional da saúde (médico ou cirurgião dentista), entre acadêmicos do curso de Medicina do ciclo básico, ciclo clínico e internato, na Universidade Federal de Jataí.

2 MATERIAL E MÉTODOS

Este trabalho representa um estudo descritivo e transversal sobre o perfil epidemiológico de automedicação entre acadêmicos ao longo do curso de medicina na Universidade Federal de Jataí. O projeto atendeu as regras da Resolução CNS 466/12 e foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de Jataí pelo CAAE 48714015.5.0000.5083.

Para atingir os objetivos esperados, o presente estudo analisou 132 respostas dos estudantes de medicina da Universidade Federal de Jataí. Foram admitidas respostas de todos os ciclos do curso: ciclo básico, ciclo clínico e internato, sendo este último composto de 3 períodos (9º, 10º e 11º).

Para a coleta das informações foi realizado um questionário (Apêndice A), elaborado baseando-se no artigo de Servidoni⁽¹⁴⁾. O questionário teve circulação a partir de um formulário eletrônico, enviado por meio de um aplicativo de mensagens instantâneas, o qual foi enviado em grupos de vários períodos do curso de medicina da Universidade Federal de Jataí, no mês de novembro de 2019.

Como critérios de inclusão foram considerados: ser acadêmico devidamente matriculado na Faculdade de Medicina da UFJ e ter aceito o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O não cumprimento desses quesitos foi definido como critério de exclusão.

O formulário contém 14 perguntas anônimas, sendo a primeira o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, no qual o candidato é informado sobre os riscos e benefícios de se participar da pesquisa, e as outras 13 envolvem dados pessoais e relacionados ao objetivo do trabalho. As 13 primeiras perguntas devem apresentar uma única resposta, enquanto a última questão pode ser respondida com múltiplas marcações. Os dados amostrais foram tratados em uma planilha eletrônica.

3 RESULTADO E DISCUSSÃO

O espaço amostral do atual estudo é composto por 132 discentes do curso de medicina da Universidade Federal de Jataí, sendo 58,33% dos alunos do sexo feminino e 41,67% do sexo masculino. A faixa etária predominante entre os acadêmicos foi de 20 a 23 anos (70,45%).

Os dados indicam que mais de 90% dos discentes já compraram medicamentos sem prescrição médica, não apresentando diferenças significativas entre os ciclos básico, clínico e internato (Figura 1). Esse é um elevado índice se comparado com a automedicação entre os estudantes de medicina da Universidade Federal de Juiz de Fora que foi de 75%⁽¹⁶⁾. A porcentagem de discentes que se sentem mais aptos à automedicação por estudarem medicina aumentou, gradativamente, nos ciclos básico, clínico e internato, 50,7%, 81% e 93,3%, respectivamente (Figura 2). Em relação ao uso do conhecimento adquirido no meio acadêmico para a automedicação, foi verificado um aumento gradual entre os ciclos básico, clínico e internato, iguais a 62,7%, 73,8% e 100%, respectivamente (Figura 3).

Figura 1 - Relação de discentes que já compraram medicamentos sem receita.

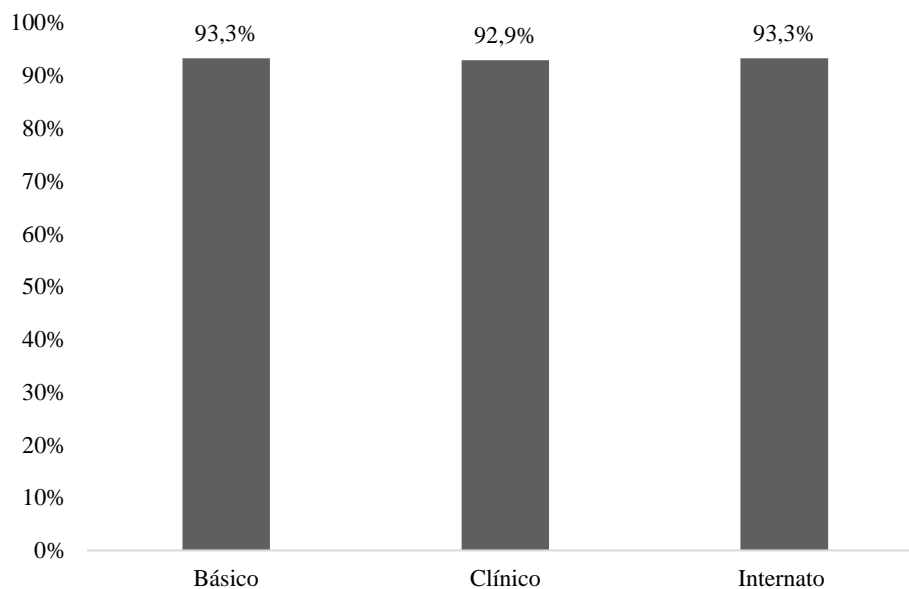


Figura 2 - Relação de discentes que se sentem mais aptos à automedicação por estudarem medicina.

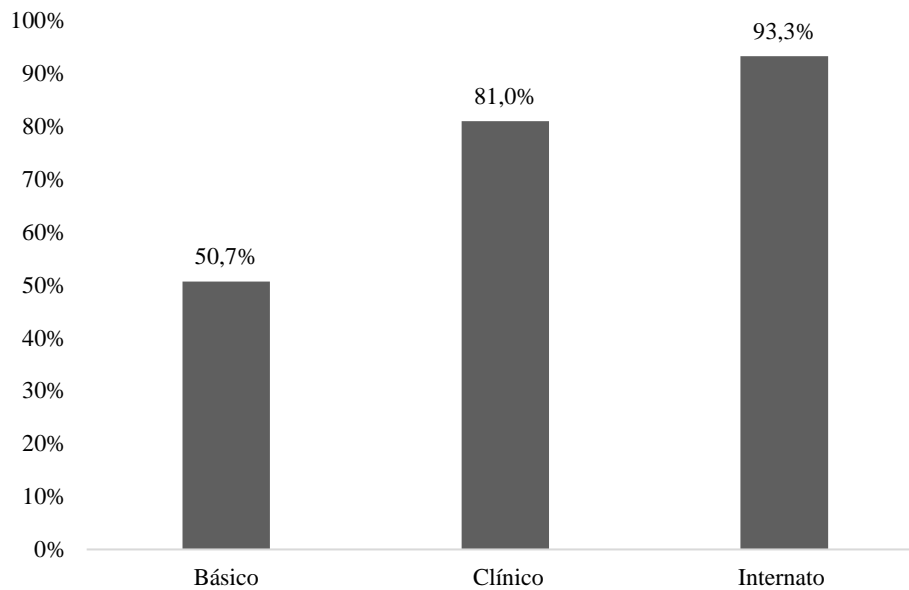
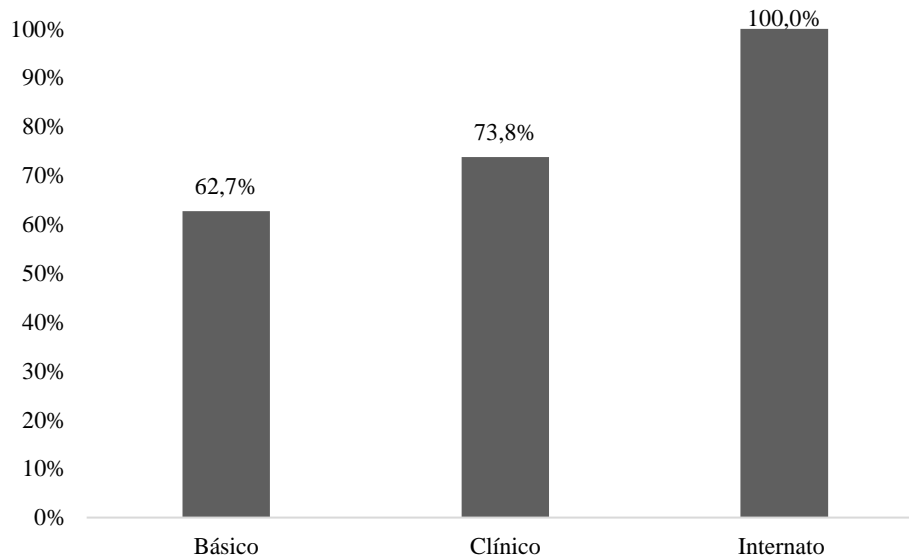


Figura 3 - Relação de discentes que já utilizaram o conhecimento adquirido no meio acadêmico para se automedicarem.



Enfermidades comuns como dores de cabeça e cólicas menstruais ou abdominais são muitas vezes solucionadas pelos próprios doentes⁽¹⁶⁾. Os fármacos utilizados são subestimados ao serem considerados menos potentes e, assim, não causariam danos ao usuário e a consulta com o médico seria dispensável⁽¹⁷⁾. Esse tipo de atitude, em conjunto com a falta de fiscalização em relação a venda de remédios⁽¹⁸⁾, são considerados fatores facilitadores e contribuem para a execução da automedicação. Para prevenir tal atitude são necessárias ações de conscientização com apoio de familiares, médicos, funcionários dos centros de saúde, amigos e o aumento da disponibilidade de tratamentos de baixo custo⁽¹⁹⁾.

De acordo com a Figura 4, 92%, 78,6% e 80% dos discentes do ciclo básico, clínico e internato, respectivamente, acreditam na existência de malefícios na automedicação. Não houve diferença significativa entre as porcentagens de alunos dos ciclos básico e clínico que tiveram efeitos colaterais pela automedicação, sendo que no internato esse índice foi o menor (Figura 5). A falta de questionários qualitativos sobre os efeitos colaterais dos participantes é uma limitação do presente trabalho, por serem informações subjetivas e de difícil comprovação.

Figura 4 - Relação de discentes que acreditam nos malefícios da automedicação.

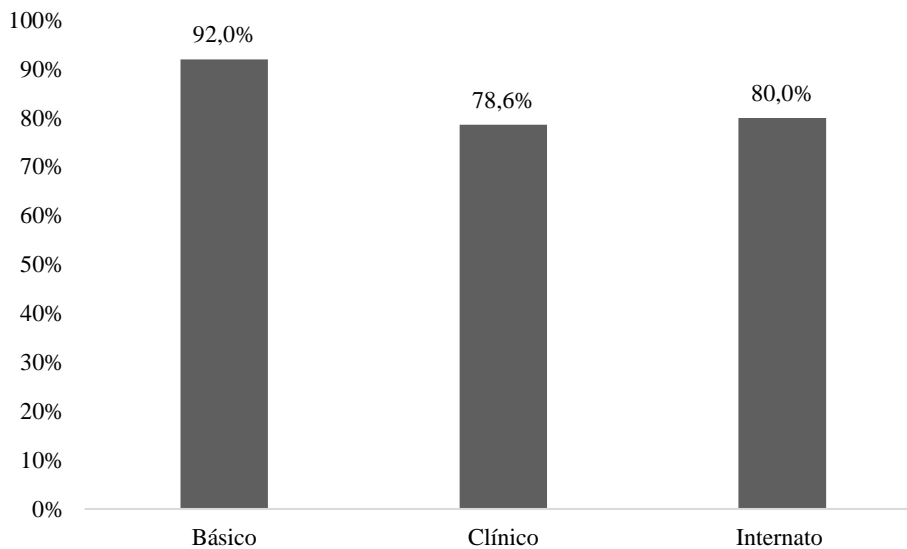
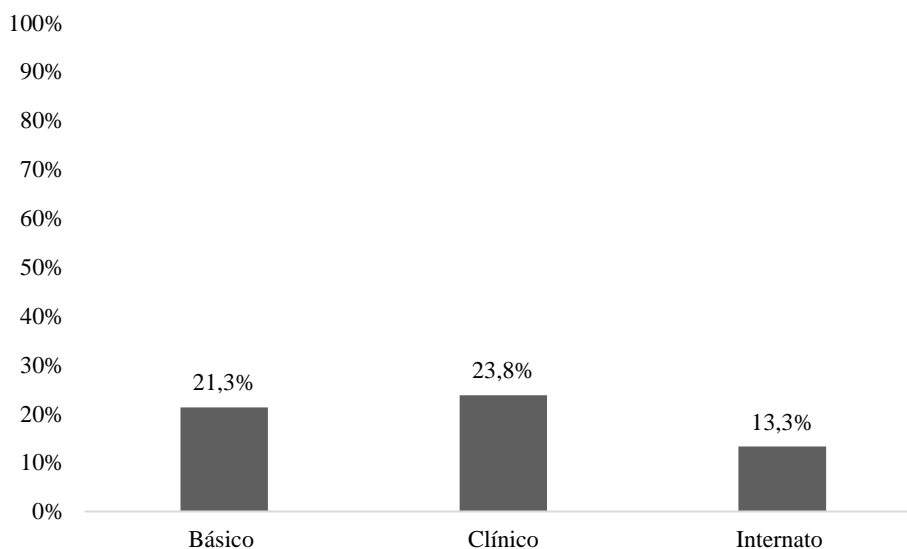


Figura 5 - Relação de discentes que já tiveram efeitos colaterais por automedicação.



A autopercepção de indivíduos que não possuem um conhecimento consolidado em uma área do saber pode estar prejudicada segundo Kruger e Dunning⁽²⁰⁾. Muitos acadêmicos de medicina que possuem conhecimento incompleto sobre a prática médica, e limitada experiência, podem agir como profissionais habilitados e utilizar as mesmas justificativas que esses usam para a automedicação⁽²¹⁾. Evitar passar pelo papel de paciente, a aceitação do auto tratamento, o desempenho ou pressão do trabalho para permanecer no ambiente laboral, a retenção de problemas de saúde no âmbito individual – mostrando sempre uma imagem saudável para os colegas – e a preocupação com a confidencialidade são justificativas comuns para a automedicação entre os médicos⁽²²⁾.

Foi realizado um questionamento sobre as classes de fármacos mais automedicadas entre os estudantes dos diferentes ciclos do curso de medicina da UFJ. Entre as classes questionadas estão: anti-inflamatórios não esteroidais, antidepressivos e ansiolíticos, antibióticos e estimulantes. Esses medicamentos foram listados na cartilha “O que devemos saber sobre medicamentos”⁽²³⁾ e na cartilha “Uso racional de medicamentos”⁽²⁴⁾, o que demonstra a importância de tratar-se sobre esses fármacos, considerando a prevalência desses na sociedade brasileira.

De acordo com a Tabela 1, os anti-inflamatórios não esteroidais (AINEs) foram os fármacos mais automedicados entre os estudantes do ciclo básico, clínico e internato. Os AINEs, dependendo do tempo de uso, dosagem e classificação, podem causar sangramento intestinal, úlceras pépticas, síndrome de Reye, induzir infarto do miocárdio e acidente vascular encefálico em pacientes com insuficiência cardíaca grave e cardiopatia isquêmica⁽²³⁾. Além disso, em gestantes os AINEs não são recomendados durante o primeiro e segundo trimestre de gravidez. Os mesmos estão associados a um histórico de hipersensibilidade manifestada por reações de urticária generalizada, angioedema, edema de glote, hipotensão e choque anafilático⁽²⁴⁾.

Tabela 1 - Medicamentos mais utilizados na automedicação dos estudantes.

Classificação	Ciclo básico	Ciclo clínico	Internato
1º lugar	AINEs	AINEs	AINEs
2º lugar	Antibióticos	Antibióticos	Antibióticos, antidepressivos e ansiolíticos
3º lugar	Antidepressivos, ansiolíticos e estimulantes	e Estimulantes	Estimulantes
4º lugar	-	Antidepressivos e ansiolíticos	-

A classe de antidepressivos e ansiolíticos foi a 2ª mais automedicada entre os acadêmicos do internato, a 3ª no ciclo básico e a 4ª no ciclo clínico (Tabela 1). O uso dessas substâncias por tempo

prolongado pode gerar efeitos como dependência química do usuário, sendo que a abstinência prejudica gravemente a vida social do mesmo, devido a irritabilidade, insônia, dor no corpo e até mesmo convulsões⁽²⁵⁾.

Os antibióticos ficaram em 2º lugar nos ciclos básico, clínico e internato (Tabela 1). O uso indiscriminado de antimicrobianos é o principal fator relacionado ao desenvolvimento de resistência antimicrobiana, dificultando o protocolo de tratamento de doenças bacterianas. Além disso, aumenta a taxa de mortalidade de doenças bacterianas comuns e os gastos do sistema público de saúde relacionados a novas opções de tratamento⁽²⁶⁾.

Por fim, os estimulantes ficaram em 3º lugar nos três ciclos (Tabela 1). Entre o medicamento mais utilizado contido nesta classe pode-se citar o metilfenidato, substância classificada como estimulante do sistema nervoso central⁽²⁷⁾. Essa prática pode causar síndrome de abstinência, insônia, modificações no raciocínio, humor e comportamento, estresse e transtornos psiquiátricos diversos⁽²⁸⁾.

4 CONCLUSÃO

Conclui-se, com base nos resultados deste estudo, que existe uma alta prevalência de estudantes de medicina da UFJ que fazem uso de medicamentos sem prescrição médica. O uso de conhecimento acadêmico e o sentimento de aptidão para se automedicar, que são diretamente relacionados ao fato de ser estudante de medicina, aumentaram os índices de automedicação no decorrer do curso. O ciclo básico obteve a maior porcentagem de discentes que acreditam na existência de malefícios na automedicação. Os fármacos mais automedicados foram anti-inflamatórios não esteroidais e antibióticos, ambos podem causar graves consequências se utilizados de maneira incorreta e sem supervisão de um especialista.

A automedicação irresponsável impacta negativamente a saúde dos estudantes de medicina, ameaça o profissionalismo (enquanto futuros médicos) e pode ter o potencial de corroer a confiança do público na profissão. Determinar as formas em que a automedicação é sinônimo de autocuidado tem grande relevância, tanto na qualidade de vida de estudantes de medicina e futuros médicos, quanto na de seus pacientes.

REFERÊNCIAS

Ruiz ME. Risks of Self-Medication Practices. *Current Drug Safety*. 2010; 5(4):315-323. doi: 10.2174/157488610792245966

Os perigos da automedicação e do uso indiscriminado de remédios [Internet]. Brasília: Ministério da Saúde; 2013 Sep 13. Os perigos da automedicação e do uso indiscriminado de remédios; [citado 2019 Nov 30]; Disponível em: <http://www.blog.saude.gov.br/index.php/promocao-da-saude/32962-os-perigos-da-automedicacao-e-do-uso-indiscriminado-de-remedios>

Consumo de medicamentos: um autocuidado perigoso [Internet]. Brasília: Conselho Nacional de Saúde; 2005. Consumo de medicamentos: um autocuidado perigoso; [citado 2019 Nov 30]; Disponível em: http://www.conselho.saude.gov.br/ultimas_noticias/2005/medicamentos.htm.

Regras básicas de propaganda [Internet]. Agência Nacional de Vigilância Sanitária; [citado 2020 Jan 3]. Disponível em: <http://portal.anvisa.gov.br/regras-basicas-de-propaganda>

Gomes TC, Lima FA, Lapena SA, et al. Prevalência de automedicação envolvendo anti-inflamatórios em pacientes de pronto atendimento com diagnóstico prévio de hemorragia digestiva. *Braz. J. Hea. Rev.*, Curitiba. 2019;2(4):3077-3085. doi: 10.34119/bjhrv2n4-072

Mortazavi SS, Shati M, Khankeh HR, et al. Self-medication among the elderly in Iran: a content analysis study. *BMC Geriatr*. 2017;17(1):198. doi: 10.1186/s12877-017-0596-z.

Conselhos de Farmácia estão em campanha contra a venda de MIPs em supermercados [Internet]. 2019. Conselho Federal de Farmácia; [citado 2020 Jan 3]. Disponível em: <http://www.cff.org.br/noticia.php?id=5571&titulo=Conselhos+de+Farm%C3%A1cia+est%C3%A3o+em+campanha+contra+a+venda+de+MIPs+em+supermercados>

Marques LAM. Atenção farmacêutica em distúrbios menores. São Paulo: Medfarma; 2008. 296 p. Bennadi D. Self-medication: A current challenge. *J Basic Clin Pharm*. 2013; (1):19-23. doi: 10.4103/0976-0105.128253

Picolotto E, Libardoni LFC, Migott AMB, Geib LTC. Prevalência e fatores associados com o consumo de substâncias psicoativas por acadêmicos de enfermagem da Universidade de Passo Fundo. *Ciênc. saúde coletiva* 2010; 15(3):645-654. doi: 10.1590/S1413-81232010000300006

Karamata VV, Gandhi AM, Patel PP, Desai MK. Self-medication for Acne among Undergraduate Medical Students. *Indian J Dermatol*. 2017;62(2):178-183. doi:10.4103/ijd.IJD_243_16

Castro H, Aguiar M, Geraldo R, et al. Automedicação: Entendemos o risco? *Infarma: Ciências Farmacêuticas*. 2006;18(9/10):17-20.

Morgan HL, Petry AF, Licks PAK, et al. Consumo de Estimulantes Cerebrais por Estudantes de Medicina de uma Universidade do Extremo Sul do Brasil: Prevalência, Motivação e Efeitos Percebidos. *Rev. bras. educ. med*. 2017; 41(1):102-109. doi: 10.1590/1981-52712015v41n1rb20160035

Servidoni AB, Coelho L, Navarro ML, Ávila FG, Mezzalira R. Perfil da automedicação nos pacientes otorrinolaringológicos. *Rev. Bras. Otorrinolaringol.* 2006; 72(1):83-88. doi: 10.1590/S0034-72992006000100013.

Pinheiro MF, Silva RN, Garcia JB, et al. Avaliação transversal do perfil de indivíduos portadores de nível superior praticantes de automedicação. *Saúde em foco.* 2013;06:7-15.

Brass EP. Changing the status of drugs from prescription to over the counter availability. *The New England Journal of Medicine.* 2001;345:810-816.

Galvan MR, Pai D, Echevarría-Guanilo ME. Automedicação entre profissionais da saúde. *Revista Mineira de Enfermagem.* 2016;20:1-10. doi: 10.5935/1415-2762.20160029

Helal RM, Abou-ElWafa HS. Self-Medication in University Students from the City of Mansoura, Egypt. *J Environ Public Health.* 2017;2017:9145193. doi:10.1155/2017/9145193

Jeihooni AK, Barati M, Kouhpayeh A, Kashfi SM, Harsini PA, Rahbar M. The Effect of Educational Intervention Based on BASNEF Model on Self-Medication Behavior of Type 2 Diabetic Patients. *Indian J Endocrinol Metab.* 2019;23(6):616–622. doi: 10.4103/ijem.IJEM_436_19.

Kruger J, Dunning D. Unskilled and Unaware of It: How Difficulties in Recognizing One's Own Incompetence Lead to Inflated Self-Assessments. **Journal Of Personality And Social Psychology:** by the American Psychological Association, Cornell University. 1999;77(6):1121-1134.

Kanwal ZG, Fatima N, Azhar S, et al. Implications of self-medication among medical students-A dilemma. *J Pak Med Assoc.* 2018;68(9):1363-1367. PMID: 30317266

Montgomery AJ, Bradley C, Rochfort A, Panagopoulou E. A review of selfmedication in physicians and medical students. *Occupational Medicine.* 2011;61(7):490–497. doi: 10.1093/occmed/kqr098

Agência Nacional de Vigilância Sanitária. O que devemos saber sobre medicamentos. Brasília; 2010. p.42-76.

Ministério da Saúde. Uso racional de medicamentos: temas selecionados. Brasília; 2012. p. 9-10, 21-28, 41-47, 83-87.

Turner S, Mota N, Bolton J, et al. Self-medication with alcohol or drugs for mood and anxiety disorders: A narrative review of the epidemiological literature. *Depress Anxiety.* 2018 Sep;35(9):851-860. doi: 10.1002/da.22771.

Sun C, Hu YJ, Wang X, Lu J, Lin L, Zhou X. Influence of leftover antibiotics on self-medication with antibiotics for children: a cross-sectional study from three Chinese provinces. *BMJ Open.* 2019;9(12):e033679. doi: 10.1136/bmjopen-2019-033679

Andrade LS, Gomes AP, Nunes AB, et al. Ritalina uma droga que ameaça a inteligência. *Revista de Medicina e Saúde de Brasília.* 2018;7(1):99-112.

Monteiro PC, Oliveira CL, Marques NA, et al. A sobrecarga do curso de Medicina e como os alunos lidam com ela. *Braz. J. Hea. Rev., Curitiba.* 2019; 2(4):2998-3010. doi: 10.34119/bjhrv2n4-066

Apêndice A - Questionário sobre automedicação entre estudantes de medicina da UFJ.

1.	Você concorda com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido?
	<input type="checkbox"/> Sim
	<input type="checkbox"/> Não
2.	Você é do curso de medicina da UFJ?
	<input type="checkbox"/> Sim
	<input type="checkbox"/> Não
3.	Qual ciclo da faculdade você está?
	<input type="checkbox"/> Básico
	<input type="checkbox"/> Clínico
	<input type="checkbox"/> Internato
4.	Qual o seu sexo?
	<input type="checkbox"/> Masculino
	<input type="checkbox"/> Feminino
5.	Qual a sua idade?
	<input type="checkbox"/> Até 19 anos
	<input type="checkbox"/> 20-21 anos
	<input type="checkbox"/> 22-23 anos
	<input type="checkbox"/> 24 anos ou mais
6.	Você já comprou medicamento sem receita?
	<input type="checkbox"/> Sim
	<input type="checkbox"/> Não
7.	Você já utilizou uma receita médica desatualizada?
	<input type="checkbox"/> Sim
	<input type="checkbox"/> Não
8.	Após prescrição médica você já fez uso de medicamento de maneira incorreta?
	<input type="checkbox"/> Não
	<input type="checkbox"/> Sim, tomei nos horários incorretos
	<input type="checkbox"/> Sim, tomei por menos tempo que o indicado
	<input type="checkbox"/> Sim, tomei por mais tempo que o indicado
9.	Você acha que há algum malefício na automedicação?
	<input type="checkbox"/> Sim
	<input type="checkbox"/> Não
	<input type="checkbox"/> Talvez
10.	Você já teve algum efeito colateral por automedicação?
	<input type="checkbox"/> Sim
	<input type="checkbox"/> Não
	<input type="checkbox"/> Nunca me automediquei
11.	Você se sente mais apto a se automedicar por ser estudante do curso de medicina?
	<input type="checkbox"/> Sim
	<input type="checkbox"/> Não
12.	Você já se utilizou do conhecimento adquirido no meio acadêmico para se automedicar?
	<input type="checkbox"/> Sim
	<input type="checkbox"/> Não
13.	Você já ofereceu medicamentos de uso próprio para outra pessoa?
	<input type="checkbox"/> Sim

	<input type="checkbox"/> Não
14.	Assinale com quais medicamentos você já se automedicou?
	<input type="checkbox"/> Anti-inflamatórios não esteroidais (AINEs)
	<input type="checkbox"/> Analgésicos
	<input type="checkbox"/> Antidepressivos/ansiolíticos
	<input type="checkbox"/> Antibióticos
	<input type="checkbox"/> Estimulantes
	<input type="checkbox"/> Nunca me automediquei